



Revelada pela primeira vez com detalhes, esta é a história de como e por que o mestre-guerrilheiro de Castro encontrou a morte nas selvas da Bolívia

Os Últimos Dias de Che Guevara

DAVID REED

QUANDO o forasteiro chegou a La Paz, a gelada capital da Bolívia, a 3 650 metros de altitude, as autoridades mal lhe deram atenção. Era portador de um passaporte uruguaio e parecia um homem de negócios de meia-idade. Pequeno, calvo, usava pesados óculos de aros de tartaruga e fumava cachimbo. Hospedou-se no Hotel Copacabana por alguns dias apenas. Depois, embarcou num jipe e desapareceu nas florestas selvagens

e esparsamente povoadas da encosta oriental dos Andes, finalmente pronto para iniciar o seu trabalho.

Novembro de 1966. O forasteiro era Ernesto "Che" Guevara, 38 anos, principal lugar-tenente do ditador cubano Fidel Castro, considerado por muitos o maior de todos os guerrilheiros comunistas. Vinte meses antes, êle havia desaparecido de Cuba. Seu paradeiro tornara-se um mistério internacional. Agora,

sob disfarce (barba e os cabelos fartos raspados, e mais gordo), êle havia penetrado na Bolívia para levar a cabo a maior e mais ousada cartada de Castro para a propagação do comunismo na América Latina.

O plano era iniciar um movimento de guerrilhas na Bolívia. Embora seja um país pobre e sem litoral, formado por montanhas e selva, com uma população de apenas quatro milhões, a Bolívia faz fronteira com cinco outros países que, juntos, compreendem 80% da América do Sul. Assim, serviria como um trampolim para insurreições nos Estados vizinhos, especialmente a Argentina e o Peru. A esperança era arrastar os Estados Unidos a “dois ou três Vietnams” que desgastariam a sua resistência e deixariam o comunismo propagar-se por todo o continente.

Castro estava convicto de que a América do Sul tinha já amadurecido para a revolução, apesar do fracasso das oito operações de guerrilhas anteriormente lançadas ou apoiadas por êle. Na maioria dos casos, Castro havia utilizado elementos nativos, treinando-os em Cuba e mandando-os de volta a seus países de origem. Desta vez, êle decidira enviar um primeiro time de cubanos para dar início à “guerra continental”.

Guevara seria a estrêla do espetáculo. O revolucionário argentino alcançara renome internacional como guerrilheiro ao lado de Fidel em Cuba. Depois da vitória de Castro, tornara-se o Ministro das Indústrias. Orientou ainda os esforços de

Castro no sentido de subverter o hemisfério e publicou um livro sobre guerra de guerrilhas, um manual do tipo “faça-você-mesmo” que se tornou *best-seller* mundial. Em março de 1965, demitiu-se de sua confortável situação como czar econômico de Cuba e sumiu. Aparentemente foi ao Congo numa tentativa vã de organizar ali um levante comunista. Agora encontrava-se na Bolívia.

Base na Selva. O destino de Guevara ao deixar La Paz era uma fazenda na selva, à margem do Rio Nancahuazu, cêrca de 400 milhas de avião a sudeste da capital. A fazenda fôra comprada por dois revolucionários bolivianos; serviria para dar cobertura a suas operações.

Como ocorre com todos os personagens misteriosos, as atividades de Guevara a partir dêsse momento estão toldadas por versões divergentes. O presente relato baseia-se nas anotações de seu minucioso diário, nos depoimentos prestados por prisioneiros e fugitivos e em informações comprovadas de outras fontes.

Durante as duas primeiras semanas na fazenda, Guevara explorou a região para se familiarizar com ela. Neste ínterim, haviam chegado mais cinco homens de Cuba—os primeiros de pelo menos 15 auxiliares de confiança enviados por Castro (entre êles quatro membros do comitê central do Partido Comunista Cubano, dois vice-ministros no govêrno de Castro, um ex-diretor de minas, um ex-chefe dos guarda-costas do filho de Castro). Os homens haviam rece-

bido grandes somas em dinheiro, armas automáticas e um rádio de longo alcance para que se pudessem manter em contato com Havana.

O grupo internou-se na floresta, a uns 400 metros da fazenda, e aí construiu uma base. Cavaram poços e trincheiras para se defender de ataques. Escavaram cavernas e túneis para ocultar suas armas e equipamento. Instalaram um hospital de campo completo, com equipamento cirúrgico. Então, sob o olho crítico de Guevara, praticaram tiro ao alvo e realizaram ataques simulados para testar as defesas da base.

Na véspera do Ano Nôvo, Guevara deu uma festa para os homens. Banquetearam-se com carne de porco, passas, doces e, segundo um relato, "muito rum, vinho e cerveja". Tinham um visitante importante: Mario Monje, secretário-geral da facção do movimento comunista boliviano orientado por Moscou. Monje declarou-se disposto a juntar-se com seus homens aos guerrilheiros, sob a condição de que Guevara lhe desse o comando geral.

—Estamos na Bolívia: os bolivianos deveriam liderar a revolução— argumentou Monje.

—Não, êste é um exército continental e cabe a mim o comando— replicou Guevara.

Monje partiu irritado e o P.C. local, a partir de então, deu apoio apenas aparente ao movimento.

Embora isoladamente alguns comunistas se tenham realmente unido a Guevara, êle nunca chegou a ter

mais do que 50 homens. Mas, como êle tinha dito em seu manual, um núcleo inicial de 30 a 50 guerrilheiros poderia iniciar a revolução armada em qualquer país latino-americano. (Afinal de contas, êle e Castro haviam começado com um grupo de apenas 13 na Sierra Maestra, em Cuba.) Operando em zonas rurais, pretendiam hostilizar, embaraçar e enfraquecer o Govêrno por meio de ataques isolados a unidades do Exército. Os camponeses pobres da Bolívia os encarariam como libertadores que lhes trariam uma vida melhor; adeririam às guerrilhas e em breve haveria um exército maciço que, com a ajuda do povo nas cidades, marcharia para uma vitória "irresistível", em um país após outro.

A Bolívia parecia madura para a revolução. É um país rico naquele tipo de problemas que se supõe alimentar o comunismo. Com uma renda per capita de apenas 150 dólares por ano, é um dos países mais pobres do mundo. A maioria da população é formada por camponeses índios. O govêrno é instável, mesmo segundo padrões latino-americanos; há mais de um século, os chefes de Estado bolivianos estiveram, em média, menos de um ano no poder, e o Presidente René Barrientos já foi alvo de oito atentados. Além disso, o exército esfarrapado, equipado em parte com fuzis Mauser—da Primeira Guerra Mundial—nunca tem mais de 19 000 homens, sendo apenas 2 000 fixos. Os restantes são convocados anualmente.

A Bolívia, no entanto, contava com um elemento a seu favor. Em 1952, o país sofreu uma violenta revolução, e a totalidade da terra foi distribuída. Os camponeses índios eram proprietários de terras.

Início da Guerra. A 1.º de fevereiro de 1967, Guevara partiu com 24 homens numa marcha de sete semanas através da selva. Seu objetivo: enrijecer os homens, explorar o território, preparar trilhas para futuras operações de combate e estabelecer relações amistosas com os camponeses. Mas a região fôra mal escolhida como base para guerrilhas. Uma razão para o êxito de Castro na Sierra Maestra fôra a densidade da população. Os camponeses proviam sua alimentação, contribuían com recrutas, e era fácil a uma meia dúzia de forasteiros misturar-se com o povo. Mas, na Bolívia, quase ninguém vivia na selva além de Nanchahuazu; a população tinha sido dizimada pela peste bubônica 30 anos antes e ainda não se havia recuperado.

Guevara e seus homens logo se viram com as rações esgotadas. Começaram a comer frutas silvestres e a caçar pequenos animais. Alguns enfraqueceram de fome. Sofriam de diarreia e de feridas que apareciam em seus braços e pernas. Para piorar, o terreno era mais difícil do que êles haviam imaginado. Dois homens morreram tentando atravessar o rio em cheia, e uma jangada carregada de armas e precioso equipamento desapareceu num redemoinho.

Quando o grupo exausto voltou a

Nanchahuazu, Guevara encontrou dois visitantes. Um deles era um revolucionário argentino chamado Ciro Bustos, convocado para planejar o treinamento de homens em Nanchahuazu para futuras operações na Argentina. O outro era Régis Debray, de 26 anos, filho mimado e arrogante de uma abastada família parisiense. Depois de uma temporada como *playboy* e em seguida como brilhante estudante de Filosofia, Debray fôra a Cuba e ficara fascinado pelos jovens comunistas da ilha. Escreveu um livro chamado *Revolução Dentro da Revolução*, que pregava a guerrilha violenta em tôda a América Latina. Guevara mandara recado a Debray, sugerindo que o francês lhe fizesse uma visita.

Guevara avaliou Debray rapidamente e o julgou sem futuro como guerrilheiro. Escreveu em seu diário: "Debray é muito forte intelectualmente, mas é deficiente para a luta." Fêz planos para que o francês deixasse a selva e voltasse à Europa a fim de organizar um grupo de intelectuais simpatizantes.

Debray e Bustos poderiam ter deixado sãos e salvos o país não tivessem as autoridades detido dois bolivianos desertores do bando de Guevara. Êles tinham "falado" e uma patrulha do Exército foi enviada para investigações. A 23 de março, um grupo de batedores de Guevara localizou a patrulha cruzando um rio e abriu fogo de emboscada, matando sete soldados. Quando levaram a notícia a Guevara, êle decla-

rou: "Bom. A guerra começou. Agora vou fumar um cachimbo com o melhor dos fumos."

Guerrilheiros em Fuga. Sabendo que o Exército logo apareceria em pêso devido ao massacre, Guevara abandonou o acampamento de Nancahuazu e dirigiu-se para o norte, levando consigo seus dois visitantes. Debray, que há muito tempo cultivava a glória de se considerar um teórico da guerra de guerrilha, verificava agora que a realidade da selva era demais para êle. Conforme Guevara anotou em seu diário, o francês sentia-se "muito deprimido" e queixava-se continuamente. Guevara estava cada vez mais ansioso para livrar-se tanto dêle quanto de Bustos, pois achava que os dois atrapalhavam sua operação.

A 20 de abril, Guevara chegou aos arredores da cidade de Vaca Guzman (Muyupampa), e ali deixou Debray e Bustos para que encontrassem o caminho de volta à civilização. Quando os dois entraram na cidade, foram presos e encaminhados a julgamento militar em Camiri, acusados de cumplicidade com os guerrilheiros.

Mal se fechara a porta da cadeia atrás de Debray e seus pais e amigos levantaram uma tempestade internacional de protesto. O Presidente de Gaulle escreveu uma carta pessoal ao Presidente Barrientos, intercedendo por Debray, e até o Vaticano expressou o seu interêsse pelo caso. Irritados com aquela intervenção estrangeira em assunto que consideravam como problema interno, os bolivianos jul-

garam Debray e Bustos e sentenciaram-nos a 30 anos de prisão.

O verdadeiro perdedor, no entanto, foi Guevara. Embora tivesse advertido os homens para que não revelassem a sua presença, Debray confessou às autoridades que era, de fato, o desaparecido Guevara quem liderava as guerrilhas. Mais tarde êle retratou-se, mas Bustos confirmou que Guevara estava lá. O Exército Boliviano saturou a área com 2 000 soldados. Onde quer que os guerrilheiros aparecessem, topavam com soldados à sua espera—soldados que, embora mal treinados e armados, assustavam, quando nada, por sua superioridade numérica. Os Estados Unidos, enquanto isso, enviaram de avião uma equipe de 16 Boinas Verdes para submeter um batalhão de 640 comandos bolivianos a um curso de treinamento de 16 semanas.

Guevara agora estava na defensiva. Um por um, seus homens foram eliminados em choques com os soldados. Alguns dos bolivianos desertaram. Ao passar o seu 39.º aniversário, êle sofria cada vez mais da asma crônica que o perseguia desde os dois anos de idade. Em seu manual, afirmara: "O guerrilheiro deve ter uma constituição de ferro." Mas agora êle tinha de ser amparado pelos companheiros ou carregado no dorso de uma mula, aspirando constantemente um vaporizador.

A mais amarga pílula que Guevara provou foi a descoberta de que os camponeses vinham cooperando com o Exército, e não com êle. "*O apoio*

popular é indispensável”, aconselhava o seu manual. Agora, Guevara escrevia em seu diário: “Os habitantes desta região são impenetráveis como rochas. A gente fala com êles, mas no fundo de seus olhos percebe-se que êles não acreditam.”

Guevara percebia que se tinha tornado vítima de suas próprias teorias, que a revolução não era “irresistível”. Ele falava de “libertá-los do imperialismo ianque”, mas a maioria dêles jamais tinha visto um ianque. Para êles, Guevara era mais um estrangeiro, e êles encaram todos com suspeita e hostilidade.

A Chama se Apaga. Guevara ainda tinha algum ânimo para lutar. A 27 de julho, seus guerrilheiros emboscaram oito soldados, matando três. No entanto, três dias depois, uma patrulha do Exército apanhou alguns de seus homens de surpresa, matando dois e capturando grande quantidade de precioso equipamento. A 31 de agosto, outra patrulha do Exército apanhou numa emboscada um grupo de guerrilheiros vadeando um rio, segurando as armas sôbre a cabeça para que não se molhassem. A patrulha abriu fogo, matando nove e capturando um.

Guevara parece ter compreendido que, àquela altura, o jôgo se aproximava do fim. Anotou em seu diário que, do contingente de cubanos, dois tinham morrido, dois estavam feridos, um tinha desaparecido, e o sexto, êle próprio, estava doente.

O golpe final veio logo depois que o batalhão de comandos treinado

pelos Boinas Verdes entrou em ação. Guevara, o mestre-guerrilheiro, verificou então que a técnica contra-revolucionária tinha evoluído muito desde os combates de Cuba, quando os soldados do govêrno passavam a maior parte do tempo escondidos em segurança em posições fortificadas ou patrulhando as principais rodovias. Êsses comandos tinham sido treinados para perseguir o inimigo noite e dia, através de qualquer tipo de terreno. Em conseqüência, o grupo de Guevara, agora reduzido a menos de 20 homens, viu-se perseguido sem trégua, sem a menor possibilidade de descansar, sem nenhuma possibilidade de escapar.

A última anotação no diário de Guevara foi a 7 de outubro. Escreveu: “Às 12h 30m, uma velha mulher conduzindo cabritos entrou na garganta onde estamos acampados e fomos forçados a detê-la. Sôbre os soldados a mulher não disse uma palavra em que se pudesse confiar, respondendo, invariavelmente, que não sabia de nada.” Os homens deram-lhe algum dinheiro, pedindo que não revelasse sua presença aos soldados, mas, anotou unicamente, “... com pouca esperança de que ela cumprisse a sua promessa”.

No dia seguinte, uma unidade de comandos encurralou o grupo de Guevara na garganta. Houve um tiroteio. Uma bala atingiu a carabina de Guevara, ricochetou e atingiu-o na coxa. Caído, sua arma inutilizada, Guevara gritou aos soldados:

—Não me matem! Sou Che Gue-

vara e sou mais valioso para vocês vivo do que morto.

Foi enviada uma mensagem ao quartel-general: "*Tenemos Papa*".

Colocaram-no numa maca improvisada e levaram-no, com três de seus companheiros que também se tinham rendido, a um pequeno grupo escolar na aldeia de Higuera, onde cuidaram do seu ferimento. Guevara vestia roupas grosseiras e sapatos de fabricação tósca. Seu cabelo caía à altura dos ombros, a barba estava desgrenhada e êle tinha perdido muito pêso. Perguntaram-lhe se queria falar; êle recusou. Um oficial indagou:

—Você tem consciência do que aconteceria a qualquer pessoa que invadisse Cuba como você invadiu a Bolívia?

Guevara, que ouvira inúmeras vezes o estampido dos tiros no *paredón* de execuções cubano, empalideceu e disse apenas uma palavra:

—Sim.

Por volta do meio-dia do dia seguinte foram enviadas instruções, pelo rádio, de La Paz. Não existe pena capital na Bolívia, mas as autoridades bolivianas, tendo em mente o barulho em tôrno do caso Debray e ansiosas por vingar os 57 soldados mortos pelo bando de Guevara, não queriam levar seu famoso prisioneiro a julgamento. Um sargento com uma metralhadora portátil entrou na escola e metralhou os três homens que se haviam rendido com Guevara.

Apontou em seguida a arma contra Guevara e apertou o gatilho.

O Mito Destruído. Em algum lugar na Bolívia, jaz o corpo de Guevara, numa sepultura sem cruz. As autoridades tentaram fazer parecer que êle tivesse morrido de ferimentos recebidos em luta, mas a verdade logo transpareceu. Quando foram comparadas suas impressões digitais com as que existem nos arquivos da Argentina, ficou provado sem sombra de dúvida que o mistério de seu paradeiro fôra por fim desvendado.

A destruição dêsse bando de guerrilheiros foi o pior revés que Castro já sofreu. Dentre os 15 cubanos identificados como companheiros de Guevara, sabe-se que 11 foram mortos. Enquanto permanecer no poder, o ditador cubano sem dúvida promoverá outros movimentos de guerrilhas. A agitação revolucionária continuará a oferecer oportunidades. Mas os mitos da "invencibilidade" da guerrilha e do quanto é "irresistível" a revolução comunista—alimentados por Guevara e em que até alguns de seus inimigos chegaram a acreditar—foram destruídos.

O significado dêsse fato é profundo. Animará em tôda a parte as pessoas em sua crença de que os comunistas não têm nenhum monopólio sôbre o futuro, que ainda é possível resolver os tremendos problemas da América Latina sem recorrer a métodos totalitários.

